

Arqueologia no Porto para lá e para cá do sétimo dia das calendas de Maio

Armando Coelho Ferreira da SILVA
DCTP/ FLUP - CITCEM

*Para o Prof. Doutor Arnaldo Pinho, colega e amigo de sempre,
em memória de uma referência comum.*

Resumo

Notas sobre a tradição dos estudos arqueológicos no Porto desde os finais do século XIX à restauração da Faculdade de Letras, em 1961, com enquadramento da disciplina no Curso de História, e posteriores desenvolvimentos após o 25 de Abril, pioneiros em Portugal, com Licenciatura, Mestrado e Doutoramento nas diversas áreas da especialidade, contribuindo para a constituição de uma qualificada comunidade científica e profissional.

Palavras-chave

Arqueologia; antecedentes; Portugalia; reestruturação; “Escola”.

Abstract

Notes on the tradition of archaeological studies at the Oporto since the late nineteenth century to the restoration of the Faculty of Arts in 1961, with framing the subject in the Course of History, and later developments after the April 25, pioneer in Portugal, with BSc, MSc and PhD in various areas of expertise, contributing to the establishment of a qualified scientific and professional community.

Key-words

Archaeology; antecedents; Portugalia; restructuring; “School”.

1.

**nova de revolutione ad copernicum canonicum
ante diem septimum kalendas maias**

é das ciências naturais
que uma verdadeira mudança se chama metamorfose
e quando ocorre há mesmo transformação
e nos compêndios mitológicos se dizia
que desde o neolítico a deméter se devia
uma ressurreição pela primavera

e porque
as coisas com uns cravos lá deram uma volta
depois de muita espera
consta agora em Portugal
que a terra ainda gira sobre si própria
mas tornou-se princípio geral
que com essa rotação se abriu para a humanidade uma nova era

(Armando Coelho (1988) - *e os meus mitos*. Vila Nova de Gaia: Ed. Autor, s.p.)

Permitam que me cite, no prolegómeno deste testemunho, a propósito da legenda da sua titulação, para evocar esse dia, tão esperado, intensamente vivido como o meu dia mais longo, *quasi* o de Ulisses de James Joyce, com partida de Ítaca e aí regressando no mesmo dia, depois de conquistar Tróia, sem cavalos de pau, resistindo a sereias e cegando polifemos, para reencontrar as fidelidades de Argos e de Penélope.

2. No volume que o Departamento de Ciências e Técnicas do Património teve a amabilidade de me dedicar em cerimónia celebrada em 21 de Novembro de 2013, uma equipa formada pelos meus colegas e amigos Professores Rui Centeno, Teresa Soeiro e Maria de Jesus Sanches, publicou um extenso artigo, em que se analisa minuciosamente a história desta área disciplinar (Centeno *et alii* 2013).

Nestas circunstâncias, mais não me cumprirá que anotar alguns passos referenciados sobre a minha presença e intervenção nos caminhos e encruzilhadas desse processo, sem que haja lugar para observações pessoais e, se as houver, serão mesmo assim impessoais, tanto mais que os interesses que me animam não se encontram na perspectiva do sujeito mas na da sua objetivação.

3. No discurso da inauguração solene do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, em 14 de Janeiro de 1984 (Brandão 1985), D. Domingos de Pinho Brandão enquadrou esse ato na história da Arqueologia portuense, delineando uma tradição longa desses estudos desde o 1º quartel do século XVII, podendo mencionar-se, como trabalhos primordiais de interesse arqueológico local e regional, as obras de D. Rodrigo da Cunha, nomeadamente, o *Catálogo e História do Bispado do Porto*, de 1623, e das que se lhe seguiram, em especial, o 1º volume da *Anacrisis Historial* de

Manuel Pereira de Novaes (ms. publicado em 1912), a *Descrição Topográfica e Histórica* de Agostinho Rebelo da Costa, de 1788-1789, e os cinco volumes das *Dissertações Cronológicas e Críticas* de João Pedro Ribeiro, publicadas entre 1810 e 1836.

Mas será necessário esperar pelos momentos epigonais do regime monárquico, para se assistir, discreta mas deslumbradamente, a uma produção científica sem precedentes realizada por um grupo de jovens investigadores, impregnados do ideário republicano, reunidos, sob a tutela de Carlos Ribeiro, na *Sociedade* designada pelo seu nome (1887), em torno de um programa com relação mais próxima da área das ciências da natureza, exatas e dos materiais.

A *Sociedade Carlos Ribeiro*, constituída por Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso, João Barreira, Ricardo Severo e Xavier Pinheiro, cinco entusiastas “rapazes”, como se autodenominavam, lançou, como seu órgão, a *Revista de Ciências Naturaes e Sociais*, de que foram publicados 5 volumes (1889-1898), sob a direção de Rocha Peixoto e Ricardo Severo, tornando-se, sob a égide deste, em gérmen da revista *Portugalia*, assumida como projeto identitário, com raízes no Porto, dos *materiais para o estudo do povo português*.

Ainda que comungando do mesmo espírito, assim se diferenciava dos desígnios de lusitanidade propostos pela figura prestigiada de José Leite de Vasconcellos (na origem, também um homem do Norte, discípulo assumido de Francisco Martins Sarmiento), atraindo para a sua colaboração um escol de investigadores de formações diversificadas, num arco de lata abrangência, em que cabiam os nomes mais eminentes da Arqueologia e da cultura portuguesa, como o próprio Francisco Martins Sarmiento, mais Santos Rocha, Fonseca Cardoso, Figueiredo Guerra, Alberto Sampaio, Pereira Lopo, Vieira da Natividade e outros.

Dela se editaram dois espessos volumes (1, 1899-1903; 2, 1905-1908), de reputação nacional, reconhecida como “um dos mais grandiosos monumentos da nossa cultura”, nas palavras de Mendes Corrêa, e internacional, por testemunhos de grandes vultos da Arqueologia europeia, como Émile Cartailhac e Salomon Reinach, entre vários.

Entre o artigos dos “homens” da *Portugalia*, queremos destacar os seus expoentes na organização e na investigação, Ricardo Severo e Rocha Peixoto, vindos do grupo da Sociedade Carlos Ribeiro, e José Fortes, que a eles se juntou posteriormente. Em primeiro lugar, o renomado engenheiro Ricardo Severo, que foi seu proprietário e diretor, com obra vasta, que vai “da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira” (Mello 2012), e nos deixou análises brilhantes sobre a ourivesaria proto-histórica, com valorização da ciência dos materiais. Depois, o naturalista poveiro Rocha Peixoto, que foi diretor da Biblioteca e do Museu Municipal do Porto e era o chefe de redação da revista, que se distingue pelos seus estudos, que consideramos pioneiros da mais moderna perspectiva etnoarqueológica dessa disciplina. E José Fortes, jurista amarantino, pela finura das suas tipologias, apreciáveis da época à atualidade, entre todos os outros, que contribuíram para a construção do objeto e dos métodos próprios desse campo científico reconhecidamente inter e transdisciplinar. Por nossa parte, coube-nos a sorte de prosseguir as suas investigações e suceder aos trabalhos de campo de alguns deles, designadamente, dos realizados por Rocha Peixoto na Cividade de Terroso, na Póvoa de Varzim, por José Fortes na necrópole de Gulpilhares, em Vila Nova de Gaia, cujo

relatório manuscrito permanece ainda inédito (Lobato 1995), e de Francisco Martins Sarmiento na emblemática Citânia de Briteiros, em colaboração com o nosso colega Rui Centeno (Silva 1986/2007).

Após as vicissitudes relacionadas com a extinção dessa revista e com a criação da Universidade do Porto e da respetiva Faculdade de Ciências, em 1911, os estudos arqueológicos entram no âmbito do ensino superior, sendo protagonizados durante cerca de meio século pela personagem augusta do professor A. A. Mendes Corrêa, a quem se ficou a dever a promoção de muitas iniciativas de interesse para o domínio da Arqueologia.

Licenciado em Medicina, contratado para lecionar Biologia, de que foi professor titular de 1912 a 1958, instituiu o Museu e Laboratório Antropológicos, futuro Instituto de Antropologia (que o vai ter como patrono), ora integrado no Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Pouco depois, em 1918, participou na fundação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que reivindicava a herança da *Portugalia*, e que se vai impor pelo interesse da sua revista *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (1919-) e pela quantidade e qualidade dos seus membros, ordinários, honorários e correspondentes, nacionais e estrangeiros.

À sua influência se deverá também a criação, em 1945, do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, que incluía no seu âmbito uma área dedicada à Pré-história, mas que se vai destacar, com a equipa de Jorge Dias, Ernesto Veiga de Oliveira, Benjamim Enes Pereira e Fernando Galhano, sobretudo como organismo de investigação de excelência no âmbito da Antropologia Cultural.

A Mendes Corrêa se deve também outras iniciativas singulares para a promoção da cidade e da universidade do Porto, de que se recorda a organização do Congresso do Mundo Português, em 1940, e a criação do Museu Nacional de Soares dos Reis, onde resta ainda uma amostra residual de Arqueologia, que ficou do sacrificio do Museu Municipal. Também aqui, é autor de uma obra estigmatizada por fortes marcadores nacionalistas, que aparecem bem vincados na sua obra científica, em especial, nas investigações de teor etnogenético, sobre o *Homo afer taganus*, o fenómeno megalítico, o vaso campaniforme, a origem do alfabeto, a expansão indo-europeia ou a “questão céltica”, como sinalizadores de originalidade nacional, muito ao gosto do regime estadonovista (Fabião 2010: 170; Gomes 2011: 455-490). Tópicos, afinal, que também abordávamos nas disciplinas de Proto-história, por essenciais à análise da formação europeia, mas divergindo das suas interpretações segundo critérios arqueológicos, fundamentos linguísticos e posições sociológicas, com recusa liminar do argumentário, ultrapassado, da Antropologia Física. Mesmo assim, não deixámos, na qualidade de Diretor do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, de comemorar o cinquentenário da sua morte com a organização de um colóquio em que se evocava a sua dedicação à causa pública e à ciência, com particular incidência na sua obra pessoal e institucional em prol da Arqueologia e outras áreas que lhe são transversais.

Mas, por nos dizer particularmente respeito, queremos sobretudo sublinhar que também a docência da Arqueologia como disciplina curricular do ensino universitário no Porto remonta ao magistério de António Augusto Mendes Corrêa na antiga Faculdade de Letras, criada em 1919, e que albergava a Filosofia, as Filologias Clássica e Moderna, a História, a Arqueologia, a Geografia e a Etnologia, isto é, o que hoje

designaríamos por Antropologia Social e Cultural, sendo responsável pelas três últimas matérias o mesmo Professor Mendes Corrêa (Duarte 2010), que será substituído em finais de 1922 pelo Professor Aarão de Lacerda (Centeno *et alii* 2013: 33, n.8).

Com a extinção, por decisão governamental, logo em 1928, ficou até à sua restauração no ano de 1961 (Decreto-lei nº 43864, de 17 de Agosto), como legado do movimento iniciado no Porto pela Sociedade Carlos Ribeiro e a *Portugalia*, a obra de Mendes Corrêa e da sua escola, até à emergência, nos finais da década de cinquenta, de um novo surto em prol da Arqueologia personificado na ação do Reitor do Seminário Maior do Porto, Domingos de Pinho Brandão, e das suas interseções com a Junta Distrital, o Centro de Estudos Humanísticos e as escavações da Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira.

Entre os seus discípulos, relevam-se, nos estudos arqueológicos, as figuras do engenheiro Rui de Serpa Pinto, do Professor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior e do Dr. Fernando Russel Cortez. À dimensão da valiosa obra publicada e potencial, que ficou em arquivo, por falecimento prematuro, aos 25 anos, de Serpa Pinto prestou o Instituto de Arqueologia da Faculdade o devido preito, por ocasião do cinquentenário da sua morte, em 1983, com um Congresso Inter-universitário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, que se pode considerar, decorridos mais de trinta anos, como a melhor síntese da Arqueologia regional. Ao Professor Santos Júnior se deve uma obra polimorfa, de que sobressaem, além da longa direção da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e da sua revista, os numerosíssimos trabalhos de pesquisa arqueológica e etnográfica, que tiveram lugar, na esteira do mestre, no plano continental e ultramarino, mas, em especial, sobre o seu território adotivo de Trás-os-Montes, que alguns colegas nossos igualmente elegeram para seu campo de investigação (nomeadamente, Jorge 1986 e Sanches 1995). Com uma referência ao nome de Alfredo de Ataíde, no domínio da antropologia, não se podem deixar de estimar ainda os trabalhos arqueológicos de Russel Cortez, nomeadamente na Cidade de Bagunte, em Vila do Conde, com uma observação especial à argúcia presente no conjunto de estudos sobre epigrafia latina, que se há como essencial para o entendimento de formas de aculturação do mundo indígena face ao domínio romano, que muito estimávamos na docência dessa disciplina, que esteve a nosso cargo desde o falecimento do Professor Benardo Xavier Coutinho, vindo do Seminário Maior do Porto para a docência de História do Cristianismo, que acumulava com a dessa cadeira e a de Numismática.

Ainda que fora do contexto académico, mas dele se aproximando, para além desta herança de Mendes Corrêa e da sua escola, segundo as próprias palavras de D. Domingos de Pinho Brandão (1985), nas origens deste surto está a criação do Museu de Arte e Arqueologia no Seminário Maior do Porto e da cadeira de Arte e de Arqueologia (que incluía componentes de Epigrafia e Numismática), no mesmo Seminário, de que era Reitor, de par com a iniciativa do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, então da superior direção do Prof. Doutor Luís de Pina, ao criar os cursos de Arqueologia Peninsular e de Epigrafia Latina, regidos respetivamente por Adriano Vasco Rodrigues e por si próprio.

Entre as atividades deste Centro, cumpre destacar, a par da edição periódica do seu boletim intitulado *Studium Generale*, onde surgem esparsos artigos de temática arqueologia, por sugestão dos professores destes dois Cursos, o Centro de Estudos

Humanísticos lançou, em 1961, a revista *Lucerna – Cadernos de Arqueologia*, exclusivamente dedicada a esta especialidade, e iniciou a série de colóquios portuenses de Arqueologia, que se tornaram, pelo número e valor das comunicações e pela qualidade e estatuto dos participantes, no principal fórum da Arqueologia nacional. Em número de cinco, regularmente realizados entre esse ano e 1966, foram interrompidos com a ida para Leiria, por motivos de exercício de pastoral religiosa do seu secretário e animador principal, D. Domingos de Pinho Brandão, e para Angola, em missão pedagógica, o Dr. Adriano Vasco Rodrigues, que era reitor do recém-criado Liceu Garcia de Orta.

Acompanhei o secretariado dos três últimos, que já contaram com a colaboração da nova Faculdade de Letras, tendo-me cabido ser secretário geral do sexto, e último, realizado em 1987, sob a direção de D. Domingos de Pinho Brandão, na sede da delegação da Secretaria de Estado da Cultura, tendo como organizadores, oradores e participantes uma nova geração de arqueólogos (Centeno *et alii* 2013: 35, n.21).

Com abertura para uma amplitude de temas com interesse para a Arqueologia portuguesa, não podemos deixar de remeter para a tradição da *Portugalia* a fidelização destes colóquios no debate sobre *Cale e Portucale* e as origens da cidade do Porto.

Nas reuniões ordinárias, com temas agendados e espaço para notícias, participavam habitualmente os amantes da Arqueologia da cidade e arredores, que marcavam presença com comunicações aos referidos colóquios, contribuindo, com a diversidade das suas formações e dos seus interesses, para o entendimento inter e transdisciplinar que se ia percebendo ser uma das riquezas dessa disciplina. A alma do Centro eram os dois investigadores citados, que dão nota de cada vez mais avançada especialização, como se revela na frequência de estágios realizados com arqueólogos alemães em Xanten e Bonn, para aprofundamento dos métodos de trabalho de campo. A eles se juntava uma plêiade de intelectuais, da Faculdade de Belas Artes, como os arquitetos Rogério de Azevedo, versado em assuntos epigráficos, e Octávio Lixa Filgueiras, o maior nome da nossa Arqueologia naval; o Professor Santos Júnior, da Faculdade de Ciências, discípulo de Mendes Corrêa e que dirigia a Associação Portuguesa de Antropologia e Etnologia; o médico Agostinho Isidoro e Henrique Leonor de Pina, investigadores de megalitismo; o engenheiro Albuquerque e Castro, que mais cultivava a ciência dos materiais; e ainda uma série, interessada nas áreas da proto-história e da romanização, em que nos incluíamos, com Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Manuel Furtado de Mendonça, mais próximos de Pinho Brandão, em torno da Citânia de Sanfins, o industrial matosinhense Joaquim Neves dos Santos, estudioso do Castro de Guifões e o jurista José da Silva, com abordagens sobre sistemas defensivos, como o do Castro de Vandoma, em Paredes, e ainda José João Rigaud de Sousa, com relações à arqueologia de Bracara Augusta.

Completar-se-á este rol, de largo espectro, com Fernando Lanhas, arquiteto e pintor, que exercia as funções de Diretor do Museu de Etnografia e História, da Junta Distrital (futura Assembleia Distrital), com quem Pinho Brandão estabelece parceria privilegiada, de que resultou, entre outras ações de valorização patrimonial por todo o território distrital, na elaboração do “ Mapa de lugares com interesse arqueológico do Distrito do Porto, à escala 1/50 00 ”, que estava exposto no Museu, com anotação manuscrita dos seus colaboradores, que, por inédita, entendo dever ser transcrita :

“Prof. Doutor Mendes Correia, José de Pinho, D. Domingos de Pinho Brandão, Prof. Doutor J. R. dos Santos Júnior, Prof. Doutor Luís de Pina, Eng. Ilídio de Araújo, Prof. Doutor António Cruz, Eugénio da Cunha e Freitas, P. Armando Coelho, P. Dr. Carlos Alberto F. de Almeida, Arq. Manuel Aranha, J. Neves dos Santos, António Carlos Moreira, Elísero Pinto, M. Luís C. Real, Dr. José da Silva, Alexandre Furtado Mendonça, Dr. F. Russel Cortez, Prof. Arq. Octávio Lixa Filgueiras, Professor José Rigaud de Sousa, Dr. António de Sousa Machado, Georges Marchand, Arnaldo Vilela, Professor J. Mendes, Escultor J. Giraldes, Dr. Arlindo Magalhães, Manuel Vieira Diniz, Dr. Elísio de Sousa, Comissão Municipal de Cultura de Penafiel, Arq. Álvaro Portugal, A. Mota, Carlos Manuel Faya Santarém, Dr. Artur C. Medeiros, Fernando Guedes, Dr. Fernando Russel Cortez (*sic, bis*), Dr. Henrique Leonor Pina, Serafim Riem, Carlos A. Magalhães”.

Ainda que só tenham sido publicadas algumas parcelas deste mapa, não pode deixar de se realçar o mérito deste inventário, que consistiu, afinal, na elaboração da primeira carta arqueológica de uma vasta região, e que se distinguiu, exposto no Museu, pela qualidade da representação gráfica, a par de gráficos culturais sinópticos, mais uma singularidade do Lanhas, por ele cultivados para enquadramento do discurso expositivo nos projetos museológicos em que participou, como o do Museu Monográfico de Conimbriga e do Museu Santos Rocha, da Figueira da Foz, além do seu Museu de Etnografia e História, que vai transformar em Museu de Etnologia do Porto.

Na sua etapa final, foi este Centro integrado informalmente na Delegação da Secretaria de Estado da Cultura no Porto, especializando-se, além da Arqueologia (onde estávamos associados, com o Dr. Lino Tavares Dias, à direção de D. Domingos de Pinho Brandão), com uma seção de Arqueologia Medieval, liderada pelo Dr. José João Rigaud de Sousa, e com uma singular abertura a jovens historiadores que se aventuravam, com sucesso, na área das Ciências Sociais, de que se nomeiam os Professores Augusto Santos Silva, Rui Feijó e Manuel Pinto.

A chave deste quadro de relacionamentos já tinha sido encontrada em 1957 e 1958 na Citânia de Sanfins, em Paços de Ferreira, a única estação arqueológica do termo do Porto onde se realizavam escavações sistemáticas, só paralelizáveis, na região norte, com as da Citânia de Briteiros, retomadas pelo Coronel Mário Cardozo, depois das celebradas campanhas de Martins Sarmento.

Iniciadas com Eugénio Jalhay, S.J., em 1944 e 1945, e em co-direção com Afonso do Paço entre 1946 e 1950, foram prosseguidas ininterruptamente até 1968 por este prestigiado militar, que foi Presidente da Associação dos Arqueólogos Portugueses, aí se instalando, a partir de 1955, seis campos de trabalho da Mocidade Portuguesa, tendo contado com a participação de equipas do Seminário Maior do Porto nos anos de 1957-58, justamente na vigência do reitorado de D. Pinho Brandão, assim, promovendo formação arqueológica especializada, que também cativou o interesse de diversos colaboradores, entre os quais, devemos distinguir Eduíno Borges Garcia, António Augusto Tavares, Margarida Andreatta, Pascale Gervaise, Fernando Lanhas e Manuel Furtado Mendonça, que, como nós próprios, o acompanharam nas suas últimas campanhas. Nelas participaram, por via do Centro de Intercâmbio e Turismo Universitário, grupos de estudantes universitários, estrangeiros e nacionais, da Universidade de Lisboa e do Porto, estes, da primeira edição do seu curso de História,

consolidando doravante um relacionamento pessoal e institucional, que julgamos de referência para a Arqueologia nacional (Silva 1999).

Coubera-nos, com efeito, por convite da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a orientação da campanha de Agosto de 1968, em substituição de Afonso do Paço, impossibilitado por motivo de doença. E, tendo contado, nesta campanha, por algum tempo, com a companhia de Carlos Alberto Ferreira de Almeida, cujo conhecimento vinha já das campanhas de 1957-58, e encontrando-nos em Outubro do mesmo ano, ele, como docente, e eu, como aluno de Pré-história do Curso de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foram criadas as condições de transição para uma nova fase de escavações, realizadas por esta Faculdade, conforme era vontade expressa de Afonso do Paço, dando-se início a uma maior cientificação da investigação arqueológica.

Neste quadro, se terá encontrado o motivo para a vontade da nóvel Faculdade de Letras querer nos seus quadros, para a docência de Arqueologia, Epigrafia e Numismática, um docente com tantos pergaminhos, como os de D. Pinho Brandão, que foi contratado, para esse efeito, em 1966, sequenciando o reforço da sua emanção relativamente ao Centro de Estudos Humanísticos, que a precedeu.

Não se tratando de assunto que seja do conhecimento público, tão breve foi a sua passagem pela Faculdade, havemos por bem transcrever as notas, que o seu autor nos deu para publicação, quando falou sobre a Arqueologia do Porto na inauguração do Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, sobretudo pelo que anuncia do seu pensamento e ação sobre o ensino/aprendizagem teórico e prático dessa área disciplinar (Brandão 1985: 5-6):

“ Por um certo pendor, acontece que a minha vida tem andado bastante ligada a museus. Efectivamente, quando reitor do Seminário Maior do Porto, criei no Seminário um *Museu de Arte e Arqueologia*, inaugurado em Março de 1958, que possui, além de outras secções, uma das melhores colecções de imaginária sacra do Norte do País. Mais tarde, na Faculdade de Letras do Porto, iniciei a recolha de peças para um Museu de Arqueologia, que devia ser, assim pensava, lugar privilegiado de estudo e diálogo, e precioso auxiliar das cadeiras que me tinham sido confiadas: arqueologia, epigrafia e numismática: Pouquíssimo tempo estive na Faculdade, mas deixei lá um pequeno núcleo de interesse arqueológico, que não sei se teve continuidade (1).

Nomeado Bispo Auxiliar de Leiria, parti para essa Diocese em Fevereiro de 1967. Lá pensei, também, num museu diocesano. De par com as minhas actividades pastorais, comecei a recolher elementos. Quando regresssei ao Porto, em 1972, possuía já um bom espólio artístico e arqueológico que constituiu o núcleo fundamental e mais vasto do Museu Diocesano inaugurado no dia 20 de Maio se 1983, no Seminário de Leiria (2).

Presentemente, apesar da actividade pastoral que me absorve muito tempo e do tratamento hospitalar que me rouba quase 20 horas semanais, estou ainda ligado, como Director, a um museu que muito estimo: o *Museu Regional de Arte Sacra de Arouca*, um dos melhores museus regionais portugueses (3)

(1) Sendo a primeira vez que tenho a oportunidade de me referir a este assunto, julgo de algum interesse acrescentar e transcrever algumas notas e apontamentos que na ocasião registei sobre a criação do projectado Museu de Arqueologia na Faculdade de Letras do Porto. Efectivamente falei, diversas vezes, sobre a questão com o Prof.

Doutor Luís de Pina, então Delegado do Reitor na Faculdade de Letras. Achava feliz a ideia. Nada se concretizou porque, entretanto, o Prof. Luís de Pina deixou a Faculdade.

Depois de tomar posse (-29 de Junho de 1966-) da regência das cadeiras de Arqueologia, Epigrafia e Numismática, continuei a repensar a ideia e expus o meu pensamento ao Reitor da Universidade, Prof. Correia de Barros, que tinha assumido as funções de Director na Faculdade de Letras.

“1966 – 19 de Agosto- Sexta-Feira.

Falei na ideia do Museu ao Reitor da Universidade, que é o Director da Faculdade de Letras. Disse-lhe que um museu de Arqueologia era necessário, até para maior eficiência da cadeira de Arqueologia. Comuniquei-lhe que desejava começar a recolher peças encontradas, oferecidas, ou em depósito, mas não queria fazê-lo sem lhe dar conhecimento e sem obter a sua aprovação, já que tinha de falar na Faculdade e, de alguma maneira, comprometê-la nos casos de depósito. Recebeu muito bem a ideia, com entusiasmo até. Disse que agradecia todo o trabalho que eu fizesse, e acrescentou que, se, de diligências minhas, fossem necessários ofícios da Reitoria a pedir oficialmente objectos ou a agradecer ofertas, lho comunicasse para se fazerem e enviarem, e o mesmo quanto a recibos, no caso de depósito. Acrescentou, ainda, que estava previsto (para já) que uma das salas da Casa do Campo Alegre seria para o Museu de Arqueologia. Na despedida, depois de falarmos sobre outros assuntos, mostrou novamente a maior simpatia pela ideia...”

“1966 – 20 de Agosto.

Falei, em Braga, ao Tenente-Coronel Afonso do Paço da conversa que tive com o Reitor. Ficou contente e indicou-me o modo de proceder, em alguns casos, para conseguir objectos para o Museu. Trouxe, ao fim da tarde, uma pequena embalagem com objectos (cerâmica) provenientes da Citânia de Sanfins que o Tenente-Coronel ofereceu. Prometeu mais”.

Entre os diversos objectos recolhidos, contavam-se mós oblongas e outras peças líticas provenientes de Madalena- Lousada (Setembro de 1966); duas aras: uma proveniente de S. Pedro de Avioso, Maia, e outra de Santa Maria de Fiães, Feira (Outubro de 1966); cerâmicas de Sanfins e Briteiros e espólio de Vila Nova de S. Pedro.

(2) *Museu de Arte Sacra do Seminário Diocesano de Leiria: Programação da inauguração (Prospecto)*. Leiria, Maio de 1983.

(3) Sobre o *Mosteiro de Arouca e o Museu*, ver PEDRO DIAS – *Mosteiro de Arouca*. Epartur – Edições Portuguesas de Arte e Turismo, Lda., Coimbra, 1980.

Com a docência de Arqueologia confiada ao Professor José António Ferreira de Almeida e as de Epigrafia e Numismática ao Dr. Flório Vasconcelos, mantendo-se a de Pré-história com o Dr. Sérgio da Silva Pinto, chega-se ao ano letivo de 1968-69, com a contratação de Professor Bernardo Xavier Coutinho, Professor do Seminário do Porto, e do recém-licenciado Carlos Alberto Ferreira de Almeida, com currículo e perfil reconhecidamente adequados. A Xavier Coutinho é atribuída a Epigrafia e a Numismática e Carlos Alberto Ferreira de Almeida vai ter a seu cargo as unidades curriculares de Pré-história, do 1º ano, e Arqueologia, do 4º ano, acumulando ainda a de História da Arte Portuguesa e a orientação do Seminário de História da Arte e Arqueologia, áreas que partilhou com o Professor José António Ferreira de Almeida até ao fim do ano letivo de 1973-74, segundo o novo plano de estudos publicado em 1968

(decreto nº 48627, de 12 de Outubro).

Percorremos juntos vários troços das suas “vias medievais de Entre-Douro-e-Minho”, com que concluíra a sua licenciatura; fui seu aluno e monitor; com ele colaborei em numerosas missões e campanhas de trabalhos arqueológicos, em inventariação, prospeção e escavação, em especial, na Citânia de Sanfins e no Castro de Fiães; coadjuvei-o na organização de conferências e reuniões científicas, nomeadamente, no 3º Congresso Nacional de Arqueologia, na conceção do Instituto de Arqueologia e outras iniciativas, acompanhando, em suma, um processo de renovação científica e pedagógica, em reestruturas curriculares e institucionais, em experiências de campo, trabalhos de museu e análises de laboratório, com partilha numa preocupação constante em dar sentido a toda a espécie de registo arqueológico, muitas vezes ultrapassando discretamente os constrangimentos e os padrões do regime vigente, que se tornou mais viabilizado com a transição para a democracia.

4. 25 de Abril 1974

Quarenta anos depois, recordo esse dia tão longo, tão longo que ainda perdura, como aluno finalista da sétima edição de um Curso de História, recriado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto poucos anos antes, em 1961 (decreto-lei nº 43864, de 17 de Agosto), com um plano curricular muito paralelizado com a História da Arte e associado, culturalmente, à Filosofia, e com marcada organização cronológica. O 1º ano era dedicado à pré-história e ao mundo antigo, o 2º à idade média e o 3º à idade moderna e contemporânea, conferindo o grau de bacharelato. A licenciatura completava-se com mais dois anos, em que, por sinal, era reservado algum espaço para este campo disciplinar, que incluía as cadeiras de Arqueologia, Epigrafia e Numismática no 4º ano, porventura havidas como disciplinas menores, pois que eram, em geral, meramente entendidas como técnicas/auxiliares da História.

Exercia as funções de monitor da disciplina de Pré-história, do 1º ano do Curso, a cargo do Prof. Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que dela era docente desde 1968, com um programa de ensino/aprendizagem renovado nos conteúdos e metodologias. Na abordagem das origens do homem, sobressaía a atualidade das descobertas recentes de Leakey, e, para a pré-história, a utilização de textos compendiados de François Bordes e Leroy-Gourhan, com relevo para a sua interpretação da arte paleolítica como expressão de um sistema complexo de fecundidade; o mesolítico tinha por base principal os estudos de um amigo comum, o Abbé Jean Roche, nos concheiros de Muge; para a revolução neolítica, o megalitismo e a agricultura, era preferenciada a visão social de Virgil Gordon Childe, que tivera o privilégio de conhecer em Sanfins, em 1949, era eu catraio; restava uma abordagem mais rápida sobre a idade dos metais, com referências sobretudo de âmbito peninsular, marcadamente regionais para a cultura castreja do noroeste, que ficava, com a romanização, para a disciplina de Arqueologia, do 4º ano, com apoio bibliográfico de Maluquer de Motes, García y Bellido e Jorge Alarcão, que prestigiavam, com a sua presença, os colóquios portuenses de Arqueologia, em que todos participávamos.

Frequentava ainda o seminário de preparação da tese de licenciatura, sob a orientação do Prof. António Ferreira de Almeida e do seu assistente Carlos Alberto Ferreira de Almeida, desenvolvendo um projeto de investigação sobre a Citânia de

Sanfins, a minha aldeia natal, cujas escavações acompanhava desde criança e que, por sinal, me foi dado dirigir no mês de Agosto desse mesmo ano, conforme disse anteriormente, em substituição do Tenente-Coronel Manuel Afonso do Paço, por motivos de doença, de que viria a falecer logo em Setembro.

Entre a documentação, que guardo, com notas de reuniões, domésticas, em cafés, na Universidade, no Museu de Etnografia, em Conímbriga, na Biblioteca Nacional, ou com esquemas de estruturação da tutela, do ensino e da prática da Arqueologia, preferentemente em formas organizativas regionalizadas, preservo ainda o convite da Junta de Salvação Nacional para dirigir o setor de Arqueologia do Serviço Cívico, que as obrigações discentes de conclusão da licenciatura me não permitiram aceitar, e o original, manuscrito, de um texto que, passados estes anos, considero delicioso, em que se apelava ao “perdão de acto”, que foi aprovado em assembleia-geral de alunos e terá estado na origem da passagem administrativa posteriormente adotada a nível nacional. Nele se consagrava, no nosso caso, como contrapartida, a obrigatoriedade de participação em sessões de investigação e a elaboração de relatórios temáticos e de propostas de reformulação dos cursos ministrados na Faculdade, assim se iniciando uma reestruturação democrática dos planos curriculares, evidenciando, desde logo, uma valorização dos estudos arqueológicos, de importância reconhecida para o debate identitário sequente ao 25 de Abril.

Com uma singular transformação, só possível no quadro de um processo revolucionário, concluiu-se por uma formatação do Curso de História, com pré-especialização em Arqueologia composta por quatro disciplinas da área e um seminário temático, de que se vai gerar, com a uniformização curricular de 1978 (Decreto 53/78, de 31 de maio), a Variante de Arte e Arqueologia, em 1979 (Despacho nº 208/78, de 27 de julho), e, como inovação pioneira a nível nacional, a criação do Curso de Mestrado de Arqueologia, em 1989 (Portaria nº 722/89, de 24 de agosto), e dez anos depois, em 1999, com a Licenciatura de Arqueologia (Resolução nº 20/ 99, de 15 de fevereiro) e o Curso de Doutoramento em Arqueologia (Resolução nº 144/ 99, de 25 de outubro).

Com esta autonomização, se foi corporizando um processo frondoso de crescimento, que mais original se manifestou com a criação do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, em que a Arqueologia constituiu uma Secção, a par das Ciências Documentais, da História da Arte e da Museologia, com o objetivo de promover a formação de docentes e quadros especializados nas diferentes áreas patrimoniais, permitindo dotar as respetivas instituições de técnicos superiores habilitados, a diversos níveis, para a realização de funções de salvaguarda e defesa, conservação e restauro, investigação e promoção do património nacional.

Era nosso desejo que esta composição pudesse ser alargada à Antropologia Cultural, favorecendo, deste modo, o enquadramento da Arqueologia mais de acordo com a tradição da escola portuense, vinda já dos antecedentes da *Portugalia*, herança, de resto, já anteriormente consagrada na recuperação desse celebrado título para dar nome à publicação periódica do Instituto de Arqueologia e da Secção de Arqueologia do Departamento, que lhe sucedeu.

Estaria também mais de acordo com áreas científicas do seu primeiro subscritor, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, que repartia a sua investigação pela Arqueologia, a

História e a Etnografia, segundo um quadro de interdisciplinaridade inspiradora, que também vínhamos cultivando com outro seu discípulo e nosso colega Rui Centeno, com quem partilhámos inúmeros projetos de investigação arqueológica, de musealização e valorização patrimonial.

Remetendo, neste último passo, para o percurso encantado deste campo pedagógico, científico e profissional, analisado pormenorizadamente pelos nossos amigos Rui Centeno, Teresa Soeiro e Maria de Jesus Sanches, no artigo que vimos mencionando (Centeno *et alii* 2013), cumpre-nos uma palavra de saudação e apreço a todos os colegas, que formaram, sobretudo em torno das especialidades dos seus doutoramentos, desde a pré-história à arqueologia moderna e contemporânea, uma comunidade científica qualificada, contribuindo, com a prática corrente de uma arqueologia cognitiva e afetiva, da Escola de Arqueologia do Porto, como marcadores de uma nova leitura da história do território.

Bibliografia

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1985) - *A Citânia de Sanfins na história da arqueologia portuense*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira / Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.

CENTENO, Rui; SOEIRO, Teresa; SANCHES, Maria de Jesus (2013) – Caminhos e encruzilhadas. O ensino e o investigação em Arqueologia na Faculdade de Letras da U.P. *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património (Homenagem a Armando Coelho Ferreira da Silva)*, vol. XIII. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 31-48.

DUARTE, Alice (2010) – *Universidade do Porto. Proposta de criação do novo Ciclo de Estudos: Mestrado em Antropologia* (DCTP, doc.).

Fabião, Carlos (2011) – *Uma história da Arqueologia portuguesa*. Lisboa: CTT Correios de Portugal.

GOMES, Sérgio Alexandre da Rocha (2011) – *O passado, a identidade e as teias do governo. Estudo sobre os entrelaçamentos das práticas de produção do conhecimento arqueológico e de construção da identidade nacional salazarista*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento, policop.).

LOBATO, Maria José Folgado (1995), A necrópole romana de Gulpilhares. *Portugalia*, Nova Série, Vol. XVI. Porto: Instituto de Arqueologia Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 31-72, est. XXXVIII (Dissertação de mestrado).

MELLO, Joana (2012) – *Ricardo Severo: da arqueologia portuguesa à arquitetura brasileira*. Coimbra: Annablume - Imprensa da Universidade de Coimbra.

SILVA, Armando Coelho Ferreira (1974) – *Relatório do Seminário de História da Arte e Arqueologia do Curso de História da Faculdade de Letras do Porto sobre a “Citânia de Sanfins”*. Ano lectivo 1973-74 (ms.).

SILVA, Armando Coelho Ferreira (1986 / 2007) – *A cultura castreja do Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira – Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins (1ª ed., 1986, Tese de doutoramento; 2ª ed., revista e atualizada, 2007).

SILVA, Armando Coelho Ferreira (1999) – *Citânia de Sanfins. Catálogo: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira – Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, ed. Etnos.



Fig. 1- Citânia de Sanfins , Paços de Ferreira

